

ESTUDO DO SETOR HOTELEIRO



D419e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.
Estudo do setor hoteleiro / Departamento Intersindical de
Estatística e Estudos Socioeconômicos. – São Paulo : Confederação
Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços da CUT -
CONTRACS, 2013.
30 p. : il.

1. Hotéis - Brasil. 2. Hotéis - Mercado de trabalho - Brasil. 3.
Hotéis - Empregados - Brasil. I. Título.

CDU 640.4(81)
CDD 647.9481

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

ÍNDICE

Apresentação	04
Resumo	05
1. Introdução	06
2. O setor em números	07
2.1. Principais características do mercado doméstico	07
3. Desempenho no setor hoteleiro	09
3.1. Taxa de ocupação, desembarques domésticos e internacionais	09
4. Mercado de trabalho	12
5. Perfil da categoria	15
5.1. Distribuição geográfica do emprego	15
6. Reajustes e pisos salariais do comércio hoteleiro	23
Considerações Finais	25



APRESENTAÇÃO

Em um cenário que se apresenta cada vez mais favorável ao crescimento do setor hoteleiro, é urgente e necessário discutir sobre as diversas questões que permeiam e perpassam o setor. Foi neste sentido e com um olhar atento para a realidade dos trabalhadores/as hoteleiros que a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços da CUT (CONTRACS/CUT) encomendou ao Dieese um estudo sobre a realidade deste setor com um destaque para a realidade de seus trabalhadores/as.

Para a CONTRACS, a pesquisa destaca dados importantes para que nossa atuação seja cada vez mais assertiva e centrada nas necessidades dos trabalhadores/as. Destaco, por exemplo, como preocupantes a questão das mulheres serem a maioria na categoria e apresentarem os menores salários; a alta rotatividade no setor e os baixos salários. Todas estas questões devem ser tratadas com muita seriedade e da forma mais combativa possível.

Queremos com um estudo desta magnitude, avançar na organização dos trabalhadores/as em um nível nacional de forma que seja possível construirmos estratégias nacionais, porque as dificuldades e demandas são comuns nas mais diversas regiões do nosso país.

tas, pois juntos podemos mais. As ações unificadas podem beneficiar toda a categoria do setor hoteleiro, como exemplo, esse estudo servirá para embasar os debates da CONTRACS na mesa nacional tripartite que tem como objetivo a construção do compromisso nacional para o aperfeiçoamento das condições de trabalho no turismo e na hotelaria.

Esperamos desta construção, resultados concretos como condições dignas de trabalho a todos os trabalhadores e trabalhadoras durante os grandes eventos esportivos previstos para o Brasil nos próximos anos. Estamos preocupados com o trabalho precário que esses eventos podem gerar. Trabalharemos para garantir um trabalho adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna aos trabalhadores. Lutaremos por trabalho decente a todos e todas!

Por fim quero destacar a importância deste estudo como um efetivo instrumento de pesquisa e uma ferramenta de negociação para o trabalho de cada sindicato filiado e de toda a direção, pois poderá auxiliar no planejamento das ações da Confederação e também e nas mesas de negociação de cada entidade.

Nós, trabalhadores, precisamos unificar nossas lu-

Alci Matos Araujo

Presidente da CONTRACS/CUT



RESUMO

Este estudo retrata a evolução e o desempenho do setor hoteleiro no Brasil nos últimos anos, conferindo especial enfoque à questão do mercado de trabalho. Para a análise do mercado formal de trabalho e as características dos trabalhadores desse segmento foi utilizada como fonte a Relação Anual de Informações Sociais do Ibmec (Rais). Como destaque, observa-se um cenário de expansão do setor, geração de empregos consistente e continuada, elevação da escolaridade dos trabalhadores, predominância feminina na ocupação dos postos de trabalho e relativa recuperação de pisos e reajustes salariais nos últimos anos.



1. INTRODUÇÃO

As atividades características do setor do Turismo¹ formam um grupo bastante heterogêneo, que inclui os chamados serviços de alojamento os quais representam entre 5% a 7% das receitas do setor. Grande parte das receitas nas atividades classificadas como turísticas, porém, não provém exclusivamente da demanda do setor de turismo. Este é o caso, por exemplo, dos serviços de alimentação e de transportes que são prestados também a não turistas. Por outro lado, os chamados serviços de hospedagem, foco deste estudo, estão umbilicalmente ligados à demanda turística, tanto interna quanto externa. O segmento hoteleiro é composto de hotéis, hospedarias e pousadas que prestam serviços essencialmente a turistas.

¹ No Brasil, a classificação de atividades econômicas adotada oficialmente pelo Sistema Estatístico Nacional é a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE



2. O SETOR EM NÚMEROS

A Organização Mundial do Turismo (OMT) estima que as atividades relacionadas ao turismo respondem pela geração de 6% a 8% do total de empregos no mundo, sendo somente o mercado de viagens internacionais responsável por 30% das exportações mundiais de serviços. O setor do turismo é o quarto no ranking das atividades geradoras de receitas cambiais, atrás apenas das indústrias de combustíveis, de produtos químicos e automobilística.

No Brasil, segundo dados do Ministério do Turismo, o número de estabelecimentos hoteleiros e outros tipos de alojamento temporário vai de 22 a 26 mil, o que totaliza 440 mil quartos disponíveis, segundo indicadores de 2010.

2.1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DOMÉSTICO

O mercado doméstico de serviços hoteleiros apresenta algumas características importantes:

- **Mercado pulverizado:** os 20 maiores grupos de hotelaria administram mais de 500 hotéis (cerca de 2% do total), mas ofertam 18,8% das unidades habitacionais hoteleiras. A empresa líder do mercado brasileiro, por exemplo, responde somente por 5,4% da oferta de quartos.

- **Pouca concorrência:** apesar da pulverização, a combinação entre diferenças regionais na oferta de leitos e a distribuição destes segundo sua categorização (pousadas, hotéis urbanos etc.) configura um mercado peculiar e restrito àque-la região, resultando, muitas vezes, em pouca concorrência. Em geral, hotéis cinco estrelas não competem com pousadas três estrelas, que por sua vez não concorrem



com hotéis quatro estrelas, e daí por diante. Ou seja, poucos estabelecimentos atuam sobre o mesmo nicho de mercado na mesma região.

- **Sazonalidade:** como é comum em todo setor hoteleiro mundial, há também uma oscilação “natural” das taxas de ocupação nas chamadas alta e baixa temporada no mercado nacional. A promoção do chamado turismo de negócios, provocado por feiras e eventos, seminários e congressos é uma estratégia que visa atenuar os efeitos da sazonalidade na demanda.

- **Turismo de Lazer x Turismo de Negócios:** em geral, a ideia comum que se faz sobre o setor de turismo, quase sempre, está ligada a atividade como lazer. No entanto, o setor do turismo de negócios é aquele que, proporcionalmente, tem mais necessidade de acomodações, configurando uma parcela importante desta demanda. Enquanto no turismo de lazer apenas 20% dos viajantes buscam hotéis e pousadas, no de negócios esse patamar eleva-se a quase 60% (Tabela 1).

TABELA 1
Meios de hospedagem utilizados nas viagens domésticas
Brasil – 2007

Meios de Hospedagem	Principal Motivo			Total
	Lazer	Negócios	Outros	
Casa de amigos/parentes	65,1	26,9	69,9	56,3
Hotel um a três estrelas	8,2	32,7	11	14,4
Hotel quatro ou cinco estrelas	5,2	17,7	3,6	8,1
Pousada	6,5	8,0	3,9	6,6
Imóvel Alugado	6,6	2,9	1,6	5,3
Imóvel Próprio	4,5	2,6	2,2	3,8
Colônia de férias	1,3	0,3	0,3	1,0
Camping/albergue	0,9	0,8	0,7	0,9
Motel ou pensão	0,3	0,5	0,5	0,4
Resort	0,4	0,3	0,6	0,4
Outros	1,0	7,2	5,8	2,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil – 2007. Relatório Executivo. São Paulo, jul. 2009.



3. DESEMPENHO DO SETOR HOTELEIRO

Os dados de desempenho do setor hoteleiro sinalizam para um cenário de crescimento, ainda que com ressalvas:

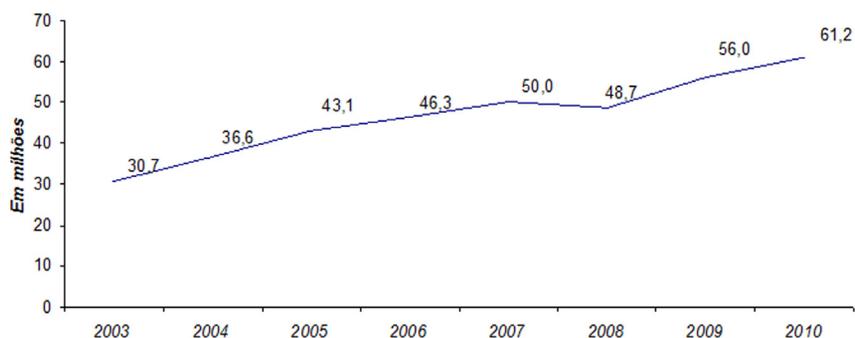
3.1. TAXA DE OCUPAÇÃO, DESEMPARQUES DOMÉSTICOS E INTERNACIONAIS

O bom momento da economia brasileira na última década impulsionou a demanda doméstica no setor do turismo, consolidando o fluxo interno como “carro chefe” do turismo no Brasil, como pode ser visto através de indicadores de desembarque doméstico (Gráfico 1), ou das taxas de ocupação de hotéis (Gráfico 2) e principalmente da geração de postos de trabalho (que será detalhado no próximo tópico) sinalizam para um cenário positivo. O setor, porém, foi razoavelmente impactado pela eclosão da crise em 2009 – algo que se reflete claramente na redução dos desembarques internacionais (Gráfico 3) e na taxa de ocupação dos resorts.

Ainda que o turismo mundial tenha expandido em período relativamente recente, o desembarque de turistas estrangeiros no Brasil tem se mantido em relativa estagnação nos últimos anos, em patamar que oscila em torno de cinco milhões de pessoas. A demanda internacional é essencial, sobretudo para alguns segmentos deste setor, em particular para as faixas superiores do mercado.

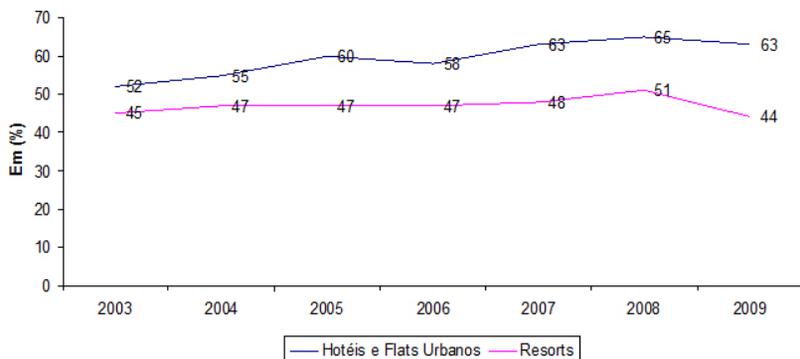


GRÁFICO 1
Desembarques domésticos
Brasil – 2003 – 2010



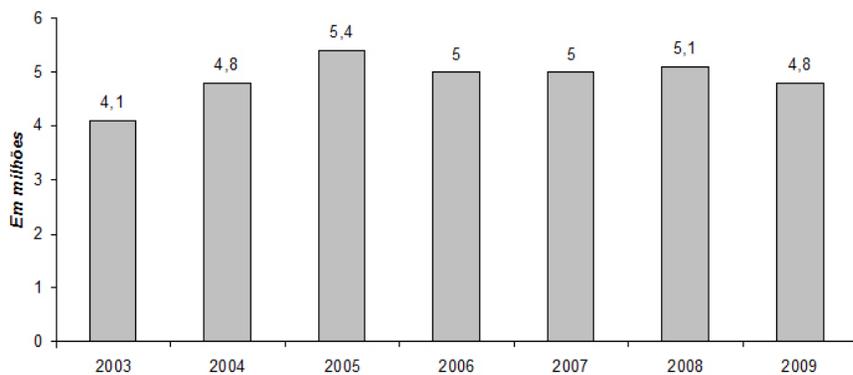
Fonte: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero)
 Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 2
Taxa de ocupação nos hotéis
Brasil – 2003 – 2009



Fonte: Jones Lang LaSalle Hotels' Dedicated Offices. Hotelaria em Números – Brasil 2010
 Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 3
Desembarque de turistas estrangeiros
Brasil – 2003- 2009



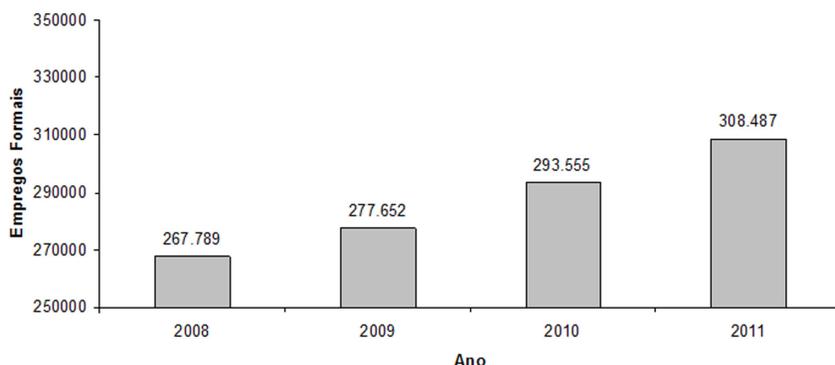
Fonte: Ministério do Turismo
Elaboração: DIEESE

4. MERCADO DE TRABALHO

Para conhecer melhor o perfil dos trabalhadores de hotéis e estabelecimentos de hospedagem, foram utilizados dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), registro estatístico de dados fornecidos pelas empresas para o Ministério do Trabalho e Emprego. Nesta base de dados, que reúne informações sobre o emprego assalariado com registro em carteira de trabalho, foram selecionados os empregos mantidos por empresas classificadas em duas classes da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 55.1 – hotéis e similares; e 55.9 – outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

A Rais mostra que em 31 de dezembro de 2011 havia 308.487 trabalhadores no setor (Gráfico 4), sendo que 93,4% trabalhavam em hotéis e similares e 6,6% em “outros tipos de alojamento”. Pode-se explicar esta diferença a partir da própria base de dados consultada: como a Rais refere-se apenas aos empregos formais, estes podem estar concentrados no segmento hoteleiro, que é composto por estabelecimentos de maior porte, mais expostos à fiscalização do trabalho e com maior estabilidade no emprego (em comparação com outros tipos de alojamento). Outros tipos de alojamentos, como pousadas, campings ou mesmo hotéis de menor porte, têm características que favorecem a uma maior informalidade do negócio e incidência maior de emprego sem registro formal.

GRÁFICO 4
Trabalhadores no setor de hotéis e outros tipos de alojamento
Brasil, 2011



Fonte: Rais 2011.
 Elaboração: DIEESE

No geral, houve incremento de cerca de 5% na quantidade de vínculos ativos em relação ao registrado no ano anterior.

Entre 2008 e 2011, segundo a Rais, houve um crescimento de 15,2% no total da força de trabalho empregada no setor. Este aumento, no entanto, é diferenciado de acordo com o sexo dos empregados. Para as mulheres, o incremento da mão de obra chegou a 16,1%, enquanto para os homens ficou em 9,1% considerando o período entre 2008 e 2011. Assim, a participação da mão-de-obra feminina passou de 56,6% em 2008 para 58,4% em 2011.

TABELA 2
Trabalhadores/as formais em hotéis e outros tipos de alojamento, por sexo
Brasil, 2008 – 2011

Sexo	Ano			
	2008	2009	2010	2011
Masculino	116.763	119.742	124.877	128.413
Feminino	151.026	157.910	168.678	180.074
Total	267.789	277.652	293.555	308.487

Fonte: Rais 2011
 Elaboração: DIEESE

As ocupações predominantes nos empregos formais em hotéis e outros estabelecimentos de hospedagem são as de Camareiros, Roupeiros e Afins (21,7% do total de trabalhadores no setor); Recepcionistas (15,2%); Garçons, Barmen e Sommeliers (9,3%), Cozinheiros (6,8%) e Trabalhadores nos Serviços de Manutenção e Edificações (5,9%). Estas cinco ocupações respondiam por quase 60% do total de empregos formais do segmento em 2011.

TABELA 3
Participação das ocupações no emprego formal do setor hoteleiro
Brasil, 2011

Ocupação	Participação em % nos postos de trabalho gerados
Camareiros, roupeiros e afins	21,7%
Recepcionistas	15,2%
Garçons, barmens e sommeliers	9,3%
Cozinheiros	6,8%
Trabalhadores nos serviços de manutenção e edificações	5,9%

Fonte: Rais 2011
Elaboração: DIEESE.

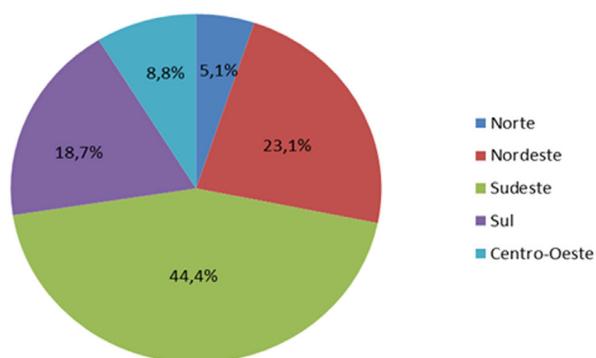
5. PERFIL DA CATEGORIA

5.1. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO EMPREGO

A Região Sudeste concentra a maior parte dos empregos (44,4%) do setor hoteleiro, seguida pela Região Nordeste, que tem o segundo maior contingente nacional de empregos formais (23,1%). Na Região Sul encontra-se a terceira maior concentração de empregos do setor - 18,7% -, No Centro-Oeste estão 8,8% dos postos formais e no Norte, 5,1%. Estes dados corroboram a importância do turismo de negócios para o país, concentrada na região Sudeste, ao passo que revelam que as regiões Centro-Oeste e Norte, com estruturas de hospedagem mais precárias, contam com menos trabalhadores empregados formalmente (Gráfico 5).

Esta distribuição é reflexo dos totais regionais de contratados formalmente, e assim, o maior contingente de trabalhadores empregados no setor de hotéis e outros alojamentos (138.700 pessoas), está no Sudeste com destaque para o estado de São Paulo, que tem a maior concentração (66.468), evidenciando a relevante movimentação de turistas de negócios no país (Tabela 4). A seguir, a Região Nordeste tem 75.910 trabalhadores empregados no setor, e nela destaca-se o estado da Bahia (27.088). Em terceiro lugar na concentração da força de trabalho empregada no setor está a Região Sul (51.554), seguida da Região Centro-Oeste (26.448) e, finalmente, a Região Norte, com o menor contingente de empregados formais (15.875).

GRÁFICO 5
Distribuição dos empregos em hotéis e outros tipos de alojamento, por região
Brasil, 2011



Fonte: Rais 2011.
Elaboração: DIEESE

TABELA 4

Trabalhadores/as de hotéis e outros alojamentos por Unidade da Federação
Brasil, 2011

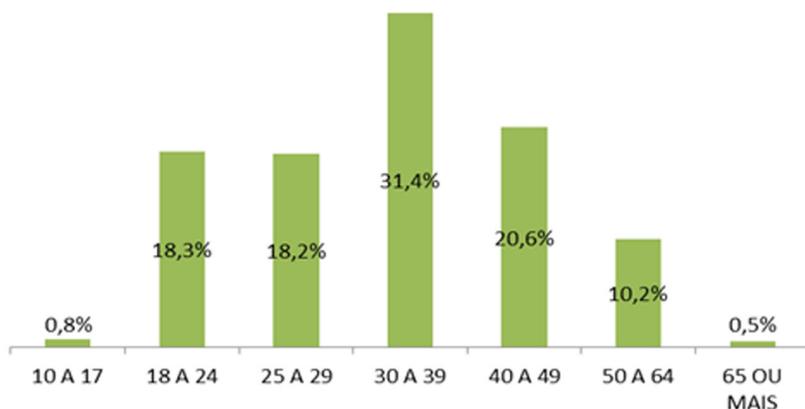
Unidade da Federação	Vinculos ativos em 31/12/2011
Brasil	308.487
Rondônia	2.131
Acre	797
Amazonas	3.243
Roraima	496
Pará	6.923
Amapá	830
Tocantins	1.455
Total Região Norte	15.875
Maranhão	4.441
Piauí	2.537
Ceará	8.774
Rio Grande do Norte	8.150
Paraíba	3.133
Pernambuco	13.960
Alagoas	5.068
Sergipe	2.759
Bahia	27.088
Total Região Nordeste	75.910
Minas Gerais	30.760
Espírito Santo	5.367
Rio de Janeiro	36.105
São Paulo	66.468
Total Região Sudeste	138.700
Paraná	18.283
Santa Catarina	16.302
Rio Grande do Sul	16.969
Total Região Sul	51.554
Mato Grosso do Sul	4.197
Mato Grosso	5.356
Goiás	12.230
Distrito Federal	4.665
Total Região Centro-Oeste	26.448

Fonte: Rais 2011.

Elaboração: DIEESE

Com relação à composição da força de trabalho empregada segundo o sexo, nota-se a presença majoritária das mulheres (59%) contra 41% de homens. Em relação idade, observa-se que a maioria dos trabalhadores do setor encontra-se na faixa etária de 30 a 39 anos, que corresponde a 31,4% do total. Contingentes bastante pequenos encontram-se nas extremidades dos grupos etários: apenas 0,8% tem entre 10 e 17 anos e 0,5%, acima de 65 anos. Já nas faixas etárias extremas, 10 a 17 e acima 65 anos de idade, encontram-se os menores contingentes, 0,8% e 0,5%, respectivamente. Mas, se a maior proporção de trabalhadores tem entre 30 e 39 anos, deve-se observar também a preponderância dos trabalhadores mais jovens no setor de hospedagem, já que 37,3% da força de trabalho formal tem até 30 anos e 31,3% estão na faixa acima de 31,3%.

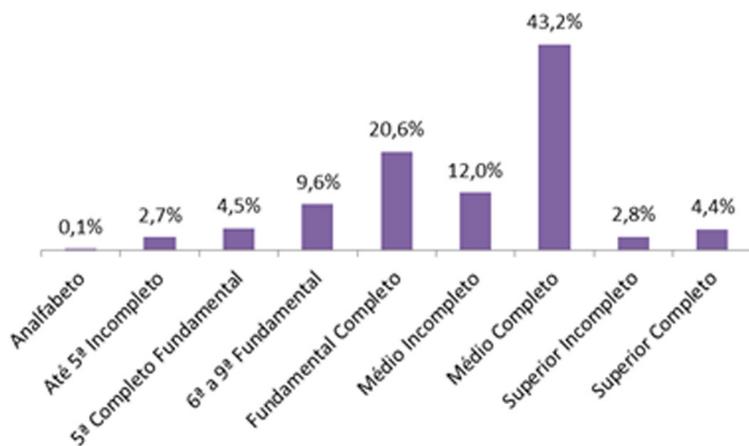
GRÁFICO 6
Trabalhadores/as de hotéis e outros tipos de alojamento, por faixa etária
Brasil, 2011



Fonte: Rais 2011.
Elaboração: DIEESE

Ao se analisar a força de trabalho do setor a partir dos níveis de escolaridade, observa-se que 43,2% têm Ensino Médio completo, o que pode ser reflexo das políticas de universalização do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, que também têm resultado em aumento da escolaridade da população brasileira como um todo. Até o Ensino Fundamental completo, concentram-se 37,5% do total de trabalhadores, que se distribuem pelas faixas de escolaridade de forma crescente, sendo os analfabetos a menor concentração (0,1%). A proporção de trabalhadores que concluiu um grau de escolaridade é sempre superior ao daqueles que ainda cursam determinado nível de ensino, seja nos Ensinos Fundamental, Médio e Superior (Gráfico 7).

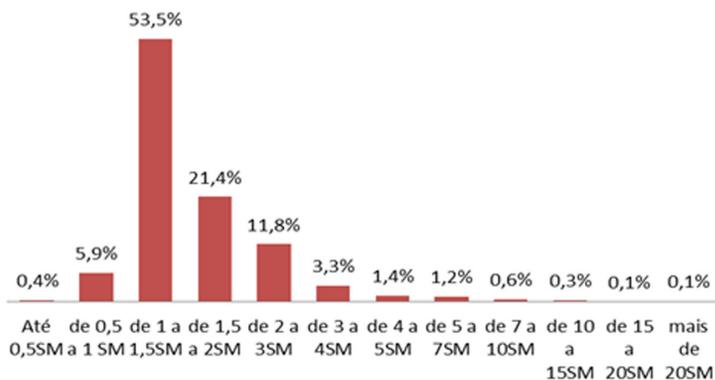
GRÁFICO 7
Distribuição dos trabalhadores/as de hotéis e outros tipos de alojamento, por nível de escolaridade Brasil, 2011



Fonte: Rais 2011.
 Elaboração: DIEESE

Em relação aos rendimentos, entretanto, não se observam os mesmos avanços que no aumento da escolaridade. Quase 60% do total de homens e mulheres empregados no setor recebem até 1,5 salário mínimo, ou seja, até R\$ 817,50 ao mês (dezembro/11).

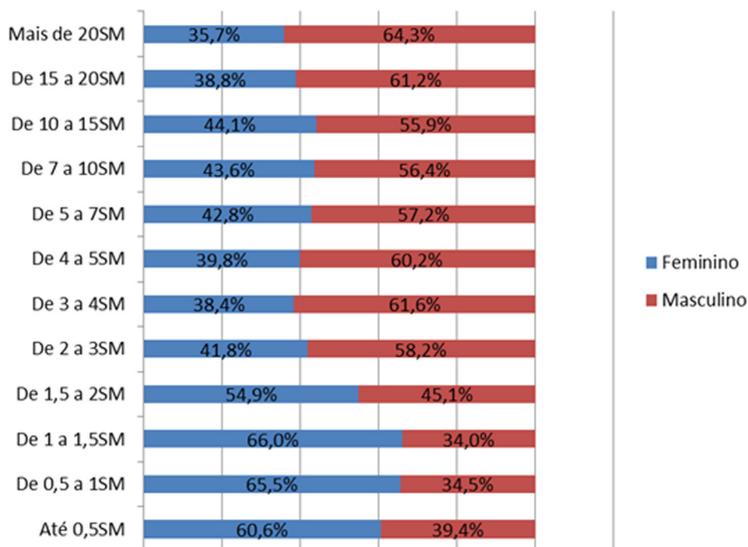
GRÁFICO 8
Distribuição dos trabalhadores/as de hotéis e outros tipos de alojamento, por faixa de salário mínimo
Brasil, 2011



Fonte: Rais 2011.
 Elaboração: DIEESE

Ao analisar as informações do Gráfico 8, percebe-se que o percentual de trabalhadores que recebem até 1 salário mínimo é baixo: 6,3% do total de empregados. Mas esse percentual ainda é maior do que o da parcela da força de trabalho que recebe mais de 3 salários mínimos (mais de R\$ 1.635,00 em dezembro/11), e que corresponde a 5,1% do total. Dessa forma, nota-se um relativo descompasso entre aumento da escolaridade e aumento da remuneração. Observa-se também uma diferenciação de gênero bastante evidente, especialmente no que se refere aos rendimentos (Gráfico 9).

GRÁFICO 9
Distribuição dos trabalhadores/as de hotéis e outros tipos de alojamento, por sexo e faixa de salário mínimo.
Brasil, 2011



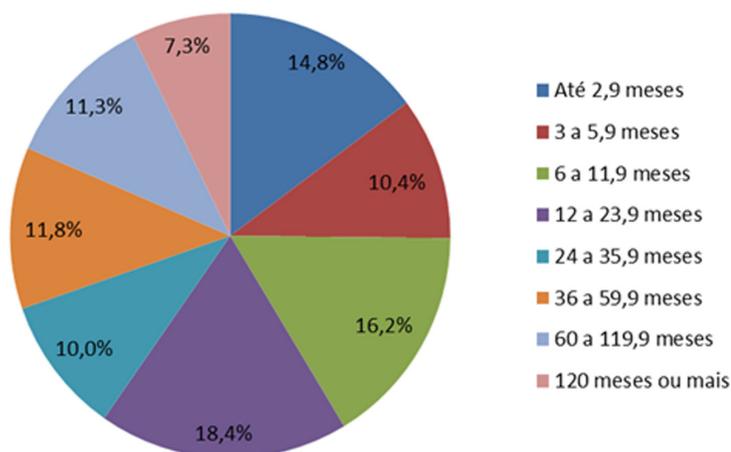
Fonte: Rais 2011.
 Elaboração: DIEESE

O Gráfico 9 mostra, ainda, que as mulheres estão entre as pessoas que percebem os menores salários, sendo a maioria em todas as faixas dos que ganham até 2 salários mínimos: São 60,6% dos que recebem até 0,5 salário mínimo;; 65,5% daqueles que estão na faixa de 0,5 a 1 salário mínimo; 66,0% entre os que têm salário entre 1 a 1,5 salário mínimo e 54,9% na faixa de 1,5 a 2 salários mínimos. A partir desse nível salarial (R\$ 1.090,00 – dezembro/11), no entanto, as mulheres passam a ser minoria em todas as faixas de rendimentos. Logo, pode-se depreender que, ainda que as mulheres sejam a maioria entre os trabalhadores do setor de hospedagem, elas estão empregadas majoritariamente nas funções que recebem menores salários.

O setor de hotéis e alojamento é também caracterizado pela alta rotatividade dos empregados. A maior

parte dos trabalhadores do setor tem tempo de emprego de até um ano (41,4% do total) e apenas 18,6% têm mais de cinco anos no mesmo emprego (Gráfico 10).

GRÁFICO 10
Distribuição dos trabalhadores de hotéis e outros tipos de alojamento,
por tempo de emprego
Brasil, 2011



Fonte: Rais 2011.
Elaboração: DIEESE

A maior concentração relativa de trabalhadores encontra-se na faixa de tempo de emprego de 12 a 23,9 meses, ou seja, entre um e dois anos (18,4%). Nota-se, portanto, maior concentração dos trabalhadores (25%) nas faixas de menor tempo de emprego, ou seja, até 5,9 meses o que revela a alta rotatividade de trabalhadores no setor.

6. REAJUSTES E PISOS SALARIAIS DO COMÉRCIO HOTELEIRO

O DIEESE, através do Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE)², registra regularmente os resultados das negociações salariais de aproximadamente 850 negociações coletivas em todo o território brasileiro, das quais 16 pertencem ao segmento do comércio hoteleiro, bares e similares. Em 2012, oito negociações do segmento cujos resultados foram definidos serviram de base para a análise a seguir.

Em relação aos reajustes salariais, sete unidades de negociação conquistaram aumentos acima da inflação medida pelo INPC-IBGE, e uma obteve correção igual ao índice. Na comparação com os percentuais de reajustes iguais, abaixo e acima do INPC-IBGE observados nos dois anos anteriores, nota-se que o resultado de 2012 foi equivalente ao de 2010, e um pouco melhor que o de 2011 – nesse ano, houve registro de um reajuste salarial abaixo do índice inflacionário (Tabela 5).

TABELA 5
Distribuição dos reajustes salariais no segmento do comércio hoteleiro, em comparação com o INPC-IBGE Brasil, 2010-2012

Variação	2010		2011		2012	
	n°	%	n°	%	n°	%
Acima do INPC-IBGE	7	87,5	7	87,5	7	87,5
Mais de 5% acima	-	-	-	-	-	-
De 4,01 a 5% acima	-	-	-	-	-	-
De 3,01 a 4% acima	-	-	-	-	-	-
De 2,01 a 3% acima	1	12,5	1	12,5	2	25,0
De 1,01 a 2% acima	3	37,5	2	25,0	3	37,5
De 0,01 a 1% acima	3	37,5	4	50,0	-	-
Igual ao INPC-IBGE	1	12,5	-	-	1	12,5
Abaixo do INPC-IBGE	-	-	1	12,5	-	-
Total	8	100,0	8,0	100,0	8,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE - Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: Foram considerados os reajustes salariais conquistados em cada ano pelas mesmas oito negociações coletivas.

2 O SAS-DIEESE é um sistema desenvolvido pelo DIEESE para o registro e análise das informações salariais das principais negociações coletivas brasileiras.

Porém, ao se analisar o valor dos aumentos reais conquistados nos três anos, nota-se que os ganhos de 2012 foram, em geral, maiores que os observados em 2010 e 2011. Na comparação do período, os aumentos reais de 2012 se concentraram em faixas de ganho maiores.

Conseqüentemente, o valor médio do aumento real de 2012 foi superior ao dos anos anteriores: 2,60%, frente ao 1,08% de 2010 e 0,17% de 2011.

A respeito da negociação dos pisos salariais em 2012, todas as oito negociações coletivas consideradas conquistaram aumentos reais ao salário base, segundo comparação com o INPC-IBGE. O aumento real médio dos pisos foi de 8,03%. O maior piso salarial registrado é de R\$ 820,00. O menor piso salarial, R\$ 625,00. O valor médio dos pisos salariais foi de R\$ 717,75 (Tabela 6).

TABELA 6
Distribuição dos pisos salariais por faixas de valor nominal (R\$) no segmento do comércio hoteleiro Brasil, 2012

Valor do piso salarial	Total		
	Nº	%	% acumulado
De R\$ 622,00 até R\$ 650,00	2	25,0	25,0
De R\$ 650,00 até R\$ 700,00	2	25,0	50,0
De R\$ 700,00 até R\$ 750,00	1	12,5	62,5
De R\$ 750,00 até R\$ 800,00	1	12,5	75,0
De R\$ 800,00 até R\$ 850,00	2	25,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE - Sistema de Acompanhamento de Salários

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os investimentos previstos para os próximos anos, pelo menos até 2016, com a realização da Copa das Confederações, Copa do Mundo e Olimpíadas no Brasil, indicam a possibilidade de continuidade da expansão do crescimento do setor e, conseqüentemente, do emprego. Ainda que não seja possível avaliar, de maneira precisa, quais serão os efeitos destes eventos sobre a demanda do setor, o que se espera é um incremento significativo e duradouro.

Entretanto, a despeito da maior quantidade de vagas ofertadas, é necessário que este crescimento seja acompanhado pela criação de postos de trabalho de melhor qualidade, acompanhados de elevação dos pisos salariais e da remuneração média; redução das disparidades regionais e de gênero, combate aos mecanismos de rotatividade; melhora nas condições de trabalho e respeito à legislação trabalhista vigente.

Além disso, é preciso avançar na melhoria das condições e relações de trabalho existentes no setor. Nesse sentido, a instalação de uma mesa nacional – espelhada na experiência da mesa nacional da construção civil - começa a ser gestada entre trabalhadores, empresários e Governo Federal, na qual essas questões possam ser discutidas, e permita como resultando um compromisso nacional que traga mudanças e avanços efetivos para os trabalhadores do setor.



Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços da CUT (Contracs/CUT)

Sede: Quadra 1, Edifício Central, sala 604, 6º andar - Setor Comercial Sul - Brasília (DF) - CEP: 70393-900 - Telefone: (61) 3225-6366

Subsede: Rua Caetano Pinto, 575, 1º andar - Brás - São Paulo (SP) - CEP: 03041-000 - Telefone: (11) 2108-9159 - Fax: (11) 3209-7496

contracs@contracs.org.br
www.contracs.org.br

DIREÇÃO EXECUTIVA

Presidência: Alci Matos Araujo

Vice-presidência: Romildo Miranda Garcez

Secretaria de Administração e Finanças: Nasson Antonio de Oliveira

Secretaria Geral: Djalma Suterro da Silva

Secretaria de Relações Internacionais: Lucilene Binsfeld

Secretaria de Organização e Política Sindical: Valeir Ertle

Secretaria de Relações do Trabalho: Maria do Rosário Assunção

Secretaria de Organização do setor de serviços: Maria Isabel C. Reis

Secretaria de Formação: Olinto Teonácio Neto

Secretaria de Comunicação: Alexandre da Conceição do Carmo



Secretaria de Políticas Sociais: José Vanilson Cordeiro
Secretaria de Mulheres: Mara Luzia Feltes
Secretaria de Saúde e Segurança: Domingos Braga Mota
Secretaria de Promoção para a Igualdade Racial: Maria Regina Teodoro
Secretaria da Juventude: Pedro Luis Mamed
Secretaria de Meio ambiente: Lourival Lopes
Secretaria Jurídica: Edmilson dos Santos

COORDENADORES

Coordenador da sede de Brasília: Luiz Saraiva
Coordenador da região norte: José Rene Nogueira Fernandes
Coordenador da região nordeste: João de Deus dos Santos
Coordenador da região centro-oeste: Adaneijela Dourado da Silva
Coordenador da região sudeste: Luciano Pereira Leite
Coordenadora da região sul: Juceli Pacífico

DIREÇÃO

Ana Maria Roeder
Luiz Santos Souza
Salvador Vicente de Andrade
Wilson Lopes de Paiva
Levi Guilherme
Nadir Cardoso dos Santos
José Elieudo Bezerra de Araujo
Antonio Carlos da Silva Filho
Ana Angélica Rabelo de Oliveira
José Cláudio de Oliveira
Valdelice Jesus de Almeida
Alexandre Moreira Santana
Antonio De Sá Viana
Rogério Braz de Oliveira
Alexandre Gerolamo de Almeida
Gilberto da Paixão Fonseca
José Carlos de Andrade Ferreira
Madalena Garcia da Silva
Kaliane Elvira da Silva



Zenilda Leonardo da Silva Fonseca

CONSELHO FISCAL

Raimunda Soares da Costa

Claudemir Brito da Silva

Maria Anatólia Ferreira das Mercês

SUPLÊNCIA DO CONSELHO FISCAL

Maria Lauzina Moraes

Luiz Henrique Alves Pereira

Honésio Máximo Pereira da Silva

COMISSÃO DO SETOR HOTE- LEIRO

Coordenação: Antonio Carlos da Silva Filho

Componentes: Wilson Paiva (AM)

Sandoval Lopes (RN)

Manoel Vicente de Paula (DF)



Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente: Antônio de Sousa

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Secretária Executiva: Zenaide Honório

APEOESP Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Vice Presidente: Alberto Soares da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretor Executivo: Edson Antônio dos Anjos

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Josinaldo José de Barros

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretor Executivo: José Carlos Souza

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Luis Carlos de Oliveira

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretora Executiva: Marta Soares dos Santos

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA

Diretor Executivo: Roberto Alves da Silva

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Ângelo Máximo de Oliveira Pinho

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Direção técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico

Ademir Figueiredo – coordenador de estudos e desenvolvimento

José Silvestre Prado de Oliveira – coordenador de relações sindicais

Nelson Karam – coordenador de educação

Rosana de Freitas – coordenadora administrativa e financeira

Equipe técnica

Paulo Alexandre de Moraes

Bianca Briguglio

Equipe de revisão

Eliana Elias

Clóvis Scherer

Ilmar Ferreira Silva

Daniela Sandi

José Silvestre Prado de Oliveira



